



O CORPO É FEITO DE PARTES, MAS AS PARTES NÃO FORMAM O CORPO **Estruturas entre Cavalos Marinhos em relação a Processos Poético- Pedagógicos em Artes Cênicas como agentes da Branquitude**

Alan Carlos Monteiro Junior¹ – IFPB CAMPINA GRANDE

As partes dos contos

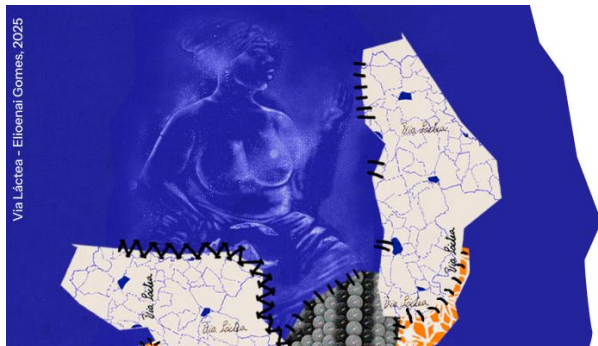
A poetiza estadunidense Muriel Rukeyser escreveu uma vez “o universo é feito de histórias, não de átomos”². Seguindo esses entendimentos é notório que histórias, assim como sonhos, estruturam corpos e se manifestam enquanto movimento da vida em átomos, tecidos, órgãos, músculos, ossos, nervos, redes de relações, comunicando existência para dentro e fora do corpo. No mesmo sentido, o mímico francês Étienne Decroux, nos relata Luís Otávio Burnier (2001), que o corpo, mesmo sendo formado de partes, não é constituído por, mas pela relação entre essas que compõe o todo de corpos. Aplicando esse entendimento é passível perceber que relações formam o corpo das brincadeiras, a exemplo de Cavalos Marinhos, ou de estruturas que permeiam e constituem o corpo da sociedade, a exemplo da Branquitude e do Racismo brasileiro.

Assim, o presente trabalho visa refletir a partir de estórias vividas e invividas, relatadas na vida de alguém e ofertadas a quem escrevinha as presentes linhas, tenta propor uma faísca de corpo acerca das relações entre brincadeiras de Cavalos Marinhos, processos poético-pedagógicos em Artes Cênicas e sua relação como agente da Branquitude, pois uma vez citado em palestra por Nêgo Bispo: “a academia é a chocadeira dos ovos do colonialismo”³. É por sentir a carapuça servir, que busco

¹ Praticante de brincadeiras do Cavalo Marim. Botador de figuras no Cavalo Marinho Raiz Cultural de Mestre Zequinha em Bayeux-PB. Doutorando em Artes Cênicas pela UnB, mestre em Artes Cênicas pela UFRN, especialista em Representação Teatral e Licenciado em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela UFPB. E-mail: alan.monteiro@ifpb.edu.br.

² <https://bodisatva.com.br/o-mundo-e-feito-de-historias/>, acessado em 23/08/2025.

³ Nêgo Bispo, SABERES QUILOMBOLAS - Parte 2, acessado em 21/09/2025.



expressar nestas palavras a postura de revisão sobre a formação de meus próprios corpos.

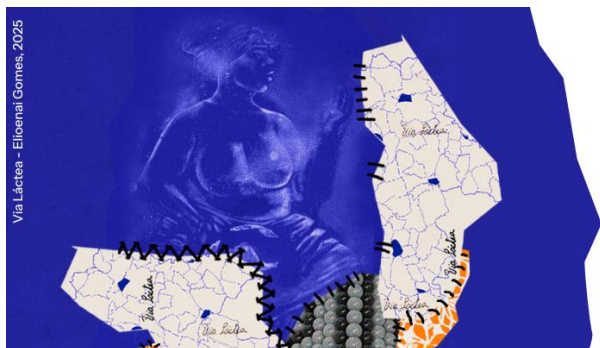
Brincadeiras de Cavalos Marinhos

Cavalo Marinho pode ser percebida como uma brincadeira afro-pindorâmica (BISPO, 2015), ou seja, que busca na sua existência combater processos de dominação como os citados. Todavia, por estar nessa sujeita a relações de enfrentamento por existência se propondo resistir a essas tensões, também está sujeita a ser atravessada e contaminada pelas mesmas estruturas que pretende resistir. Voltando. Cavalo Marim(Marinho) existe, hoje, entre os estados brasileiros da Paraíba e Pernambuco. Assim, é correto afirmar que não existe O Cavalo Marinho, mas diferentes estilos e modos de brincar Cavalo Marim. Por estilos, atualmente, talvez se possa dividir entre o brincado na região metropolitana de João Pessoa – PB, os praticados entre as zonas da mata Sul da Paraíba e Norte de Pernambuco, Recife – PE e Olinda – PE, e o Cavalo Marinho de Bombo em Glória de Goitá – PE.

Cada um desses estilos tem modos de brincar que podem ter semelhanças e singularidades entre si e entre os grupos do mesmo estilo. Cada corpo de brincadeira e modo de brincar é formado pela relação entre fazeres e saberes que podem ser entendidos academicamente artísticos como dança, música, encenação e visualidade plástica, mesmo que os e as praticantes não denominem dessa maneira, ou o façam dessa forma após o contato com pessoas que, em maior ou menor grau possuem referenciais acadêmicos, assimilando, assim, esses dizeres, mesmo possuindo denominações próprias.

Por exemplo, fui apresentado em 2005 aos modos de brincar do Cavalo Marinho Estrela de Ouro de Condado-PE⁴. Tentando descrever é composta por um Banco onde ficam tocares/as, atualmente formado por rabeca, pandeiro, duas bajes (reco-reco) e um ganzá, localizados nessa sequência da esquerda para a direita, tocando Toadas (letra da música) e suas Sonoras (melodia). Possui Figuras (personagens) trajadas com máscaras de couro ou papel machê pintado ou pintando

⁴ Cavalo Marinho Estrela de Ouro, acessado em 21/09/2025.



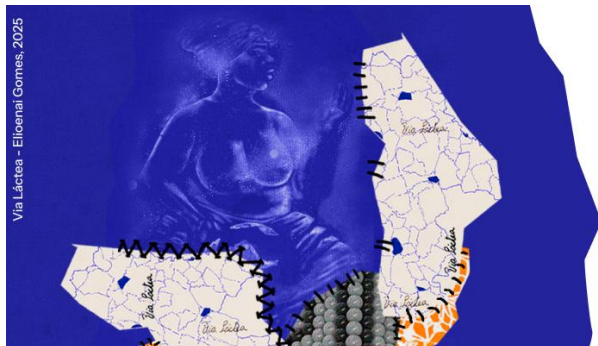
o rosto com carvão ou goma de macaxeira. Elas se revezam em entradas e saídas do terreiro mostrando, como me disse o atual mestre deste grupo, Aguinaldo Roberto: “sua graça e sua beleza”, recitando Loas (versos) com seu Pantim e sua Munganga, que podem ser entendidos, respectivamente, de modo resumido, ainda segundo mestre Aguinaldo, como o roteiro de ações da figura e a graça que ela tem. Os grupos possuem roupas de galante, peitxoral(peitoral), aico(arcos) com fitas de TNT ou risolene, brinquedos feitos de armação metálica ou de madeira e cobertos com espuma e tecido, a exemplo do Cavalo, Ema, Babau, Boi, dentre outras.

A descrição acima tenta, sem conseguir, oferecer uma dimensão escrita de um modo de brincar de um grupo de Cavalo Marinho, o que só pode ser parcialmente entendido para quem não o pratica pelo experienciado no ato de seu acontecimento. Justamente por possuir essa natureza vivencial, proponho perceber o corpo dessa brincadeira formado pelas relações de brincar que agregam seus fazeres e saberes.

Cavalo Marim em relação com corpo da Branquitude

Branquitude (CARNEIRO, 2023 e SCHUCMAN, 2020) pode ser entendida resumidamente como vantagens morais, estéticas, culturais e sociais associadas a pessoas brancas, tecendo, assim, processos hierárquicos a fim de produzir, consequentemente, desigualdades sociais diversas. Seguindo o pensamento proposto por Nêgo Bispo (2015), com o processo de invasão por países europeus ocorrido no que hoje conhecemos pela denominação de Brasil, junto a exploração de corpos e conhecimentos das populações originárias, assim como em diáspora do continente africano, esse apoiado pela igreja católica apostólica romana, constituem-se processos coloniais que perduram atualizados, formando o que se denomina por Colonialismo. Dessa forma, o Racismo, a Desigualdade Social, a própria Branquitude, caracterizam-se como partes que em relação constituem o corpo do Colonialismo que, ainda segundo Bispo (2015), é o verdadeiro foco a ser atacado.

Desse ponto acredito ser eficaz refletir acerca de como as relações compõem cada corpo que, por sua vez, constituem as relações do Colonialismo e os modos que passam a estruturar corpos, a fim vislumbrar a formação de outras estruturas sociais



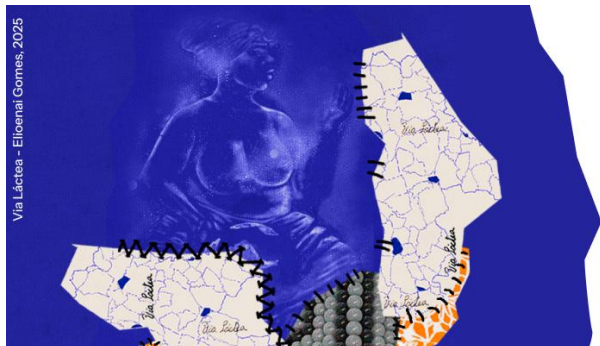
que possam ocupar de modos distintos os corpos, almejando combater as próprias relações que compõem o corpo do Colonialismo que nos habita.

Exercendo tensões sobre as brincadeiras de Cavalo Marinho, a Branquitude gera modos a afetar suas pedagogias de transmissão e ritualísticas de acontecimento. Exemplificando esse processo posso destacar as relações exercidas pelo poder público junto a essa brincadeira de saberes do povo preto e pindorâmicos.

O Cavalo Marinho historicamente é uma cultura próxima a canaveira, tendo seu acontecimento ligado as festas nos engenhos onde o dono da bodega (mercadinho) e da banca de bozó (jogo de azar com dados) se juntavam para pagar, dentre outros entretenimentos, o Cavalo Marinho. Quanto mais tempo durasse a brincadeira, mais seus patrocinadores apuravam com o trânsito de pessoas. Com a crise dos engenhos e, por conseguinte, do sistema de moradia, o êxodo da população do campo para o meio urbano foi crescendo. Nessa diáspora, uma das pessoas da comunidade se responsabilizava por coletar o dinheiro de moradores/as da comunidade para realizar a contratação de brincadeiras para os festejos.

Com a valorização de culturas brasileiras em busca de uma identidade nacional brasileira, bem como a percepção por parte de poderes públicos locais de formas para angariar capital político e turístico. A partir da segunda metade do século XX é crescente o movimento de contratação de brincadeiras para festas municipais, agora organizadas por essas instituições. Grupos antes perseguidos e marginalizados, eram trazidos para apresentações com tempo ditado por esses poderes organizadores.

Ou seja, brincadeiras que antes tinham durações comunitárias, bem como o capital de giro da festa, passam a ter suas durações e formatações voltadas a atender demandas externas, fazendo com que seus fazedores/as se encaixem num modelo de acontecimento mais palatável a esses públicos. Também passa a exigir organizações de personalidade jurídica, criando, assim, uma rivalidade entre os grupos no sentido de quem se encaixa mais aos modelos exigidos. Nesse contexto brincadeiras passam a reduzir seu repertório de acontecimento, fazendo reduzir com que seu modo de aprender experiencial e pela oralidade, também sofra perdas.



As Artes Cênicas como agentes da Branquitude

Como dito no começo deste texto, a Branquitude atribui vantagens diversas ao fenótipo branco, entre elas está a estética, implicando assim na herança dos modelos eurocêntricos. Somando isso ao dito por Nêgo Bispo sobre os “ovos do colonialismo”, é possível perceber que a universidade é constituída por esses moldes, que ajuda a propagar em seus modos de estruturação pedagógica. Exemplo disso são as dissecações ensinadas como modos de encontrar objetos de pesquisa. Pesquisar a dança, a música, a encenação, a visualidade do Cavalo Marinho, não se caracteriza por pesquisar Cavalo Marim, uma vez que a brincadeira não é constituída por esses fazeres e saberes, mas pelas relações de brincar estabelecidas entre estes.

Esquartejar a brincadeira em busca de processos poético-pedagógicos, pois toda busca por poética gera pedagogias, caracteriza-se por outro braço do Colonialismo no apagamento dos conhecimentos característicos do povo preto e pindorâmico, distanciando ainda mais das possibilidades de uma almejada democracia racial e valorização de conhecimentos afro-pindorâmicos.

Referências

- BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. ISBN 978-65-5921-232-3.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade: A Construção do Outro como Não Ser como Fundamento do Ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. ISBN 908-65-5979-096-8.
- BURNIER, Luís Otávio. *A Arte de Ator: da técnica à representação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e UnB - Universidade de Brasília: junho de 2015.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020. 216 p. ISBN 978-85-9571-066-5.